

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

JOÃO ALEXANDRE DE CASTRO

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: CONTANDO HISTÓRIA NA ESCOLA

CURITIBA  
2015

JOÃO ALEXANDRE DE CASTRO

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: CONTANDO HISTÓRIA NA  
ESCOLA

Trabalho apresentado como  
requisito parcial à conclusão  
do Curso de Especialização  
em Educação das Relações  
Étnico-Raciais – Núcleo de  
Estudos Afro-Brasileiros –  
Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Paulo  
Vinicius Baptista da Silva

CURITIBA  
2015

## Ficha catalográfica

Coordenação do Curso em Educação das Relações Étnico-raciais/NEAB – UFPR/MEC. **A CULTURA AFRO BRASILEIRA: CONTANDO HISTÓRIA NA ESCOLA.** Curitiba: UFPR, 2015, 1<sup>a</sup>. ed., 33p.

*Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão  
O sono dormindo à toa  
Sob as tendas da  
amplidão...  
Hoje... o porão negro, fundo  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo no  
mar..."*

Castro Alves

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que está presente em todos os momentos de minha vida, guiando-me com sua luz divina, proporcionando-me forças para superar as dificuldades encontradas.

Aos meus familiares pelo amor, carinho, compreensão e os abraços e, nos momentos mais difíceis me incentivaram a prosseguir, superando obstáculos e que mesmo distantes mantiveram-se sempre ao meu lado, apoiando-me para esta grande conquista.

A todos os professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual e profissional.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>vii</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - A VINDA DO NEGRO PARA O BRASIL: UM RESGATE5</b>	
<b>HISTÓRICO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO II - IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 .....</b>	<b>10</b>
2.1 Racismo .....	10
2.2 Preconceito .....	11
2.3 Discriminação .....	11
2.3.1 Discriminação racial .....	12
2.4 Gênero .....	12
2.5 Estereótipos .....	13
<b>CAPÍTULO III –A HISTÓRIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE</b>	
<b>AULA.....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>31</b>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal ampliar o espaço de discussão e os conhecimentos em torno da cultura negra, dando destaque principal ao estudo da história e literatura comparada nos textos produzidos no Brasil, pois sabemos que a memória é fundamental para reflexão do passado e entendimento da nossa condição presente. As manifestações culturais entram aí como um importante nexo na constituição da identidade negra, no seu caráter político e é estratégica na própria construção do sentimento de identificação étnica racial. Estudos recentes sobre o negro e as relações raciais no Brasil comprovam que o racismo e a discriminação restringem a atuação do negro na sociedade brasileira, implicando diretamente na sua baixa autoestima. Faz-se, portanto, necessário buscar meios, idéias, técnicas que auxiliem na construção e reconstrução da história dos afro-brasileiros para fomentar o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas que ampliem o entendimento sobre as relações raciais. Considerando que o esclarecimento sobre a construção histórica das relações sociais, especialmente na educação das crianças e adolescentes é fundamental medida preventiva contra a permanência das estruturas sociais e culturais que dão sustentação a todas as formas de intolerância, xenofobia, discriminação e de racismo, que dividimos este trabalho em três partes distintas: no primeiro capítulo, faz-se um resgate histórico sobre alguns aspectos da vinda do negro para o Brasil. No segundo, discorre-se a respeito da implementação da lei 10.639. No terceiro reflete-se sobre a história e literatura afro-brasileira e possibilidade de trabalhá-la em sala de aula. Portanto, este trabalho, destina-se a contribuir nessa orientação, sendo um agente sensibilizador para a superação de barreiras na organização de práticas pedagógico antirracismo.

**Palavras chave:** Relações raciais, educação, história, literatura.

## SUMMARY

This work aims to expand the space for discussion and knowledge surrounding the black culture, giving primary emphasis to the study of history and comparative literature in the texts produced in Brazil, because we know that memory is fundamental to reflection of the past and understanding of our present condition. Cultural events come there as an important link in the formation of black identity in their political character and is strategic in the very construction of the sense of racial ethnic identification. Recent studies on the black and race relations in Brazil show that racism and discrimination restrict black's role in Brazilian society, leading directly to your low self-esteem. It will be therefore necessary to seek ways, ideas, techniques that assist in the construction and reconstruction of the history of african-Brazilian to foster the development of new studies and research which advances understanding of race relations. Whereas the clarification of the historical construction of social relations, especially in the education of children and adolescents is key preventive measure against the persistence of social and cultural structures that support all forms of intolerance, xenophobia, discrimination and racism, we share this work in three distinct parts: the first chapter, it is a historical about some aspects of the black coming to Brazil. In the second, it elaborates, on the implementation of Law 10.639. In the third reflects on the history and african-Brazilian literature and the ability to work it in the classroom. Therefore, this work is intended to contribute in this direction, as a sensitizer to overcome barriers in the organization of anti-racism educational practices.

**Keywords:** race relations, education, history, literature.



## INTRODUÇÃO

A cultura afro-brasileira tem sido palco de muitos estudos, devido à relevância entre outras coisas, de reconhecer as conseqüências dos diversos fatores que induzem a sociedade à prática do racismo, resultando em problemas psicológicos para a criança negra, que passa a observar-se e não se identifica com nenhum dos personagens que se lhe apresentam, pois são todos brancos. Resultando num complexo de inferioridade.

A escolha do tema deste estudo é justificada mediante dois tipos de argumentos: de ordem teórica e de ordem prática. O estudo desenvolvido apresenta vertente teórica consistente ao examinar a questão da natureza do negro, sua crença, cultura, conforme se pôde constatar em pesquisas já realizadas a respeito desse assunto. Por sua vez, os argumentos de ordem prática definem o interesse em verificar a possibilidade de relacionar esse assunto ao estudo da língua portuguesa, literatura e história, dando subsídios teórico-metodológicos para a sua aplicação em sala de aula.

Os afros descendentes herdaram ritmos, alimentação, maneiras de ser e trabalhar dos negros africanos. A partir dessas questões, mostram-se necessárias ações no sentido de valorização dessa cultura, especialmente nas escolas.

Segundo Pereira (1967, p. 54) a escola é um lugar privilegiado de socialização de saberes acumulados, tem sido desde a sua invenção, responsável pela transmissão da herança cultural e pela integração dos indivíduos em determinados sistemas sociais.

O racismo tem entre suas armas mais importantes, o mito da democracia racial, a ideologia do embranquecimento.

Sabemos que a educação e conseqüentemente o educador exercem a função de transmissão de valores, de transmissão de conhecimentos e o papel da formação das opiniões e das consciências.

Mas a dificuldade maior em acabar com o racismo na sociedade é porque a História do Brasil contada nas escolas esconde a verdadeira história dos índios e dos negros e os livros apresentam a história dos negros de forma tendenciosa. Omite-se diversas formas de resistência, de luta contra a escravidão que os negros desenvolveram como o aborto provocado pelas negras grávidas para não gerarem filhos escravos até as lutas mais organizadas como as revoltas dos Malês, dos Búzios, da Balaiada, entre outras, ou como a formação dos Quilombos como: o dos Palmares, onde os negros provaram ser possível uma sociedade em que vivam em igualdade negros índios e brancos.

Ainda estamos procurando entender o que o Governo realmente quer mostrar a sociedade, com a sanção da lei 10.639 – que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental e Médio, fazendo todos agir entusiástica e colaborativamente para sua implementação.

Porém, sabemos que uma lei não implica necessariamente uma mudança de práticas historicamente constituídas de desvalorização da história e da cultura do povo negro nas salas de aula.

O que preocupa atualmente é a maneira como os meios de comunicação enfocam a questão do negro, pois disseminam a ideologia racista através das novelas, dos programas humorísticos e dos comerciais, pois os atores negros estão sempre desempenhando papéis secundários, exercendo profissões social e economicamente desvalorizadas, ou sendo ridicularizados com piadas e comportamentos estereotipados. Tudo isso faz com que a sociedade vá

reproduzindo os conceitos e posturas racistas.

E é justamente para tentar modificar essa situação, pretende-se nesse estudo, propor possibilidades de trabalho para o professor por meio de textos literários e pesquisas históricas, no sentido de fazer com que o aluno conheça mais e valorize a cultura africana e modo de ser e viver do afro descendente, na tentativa de fazer com que o educando se reconheça como cidadão afro descendente, portador dos mesmos direitos sociais, procurando assim, elevar a sua autoestima.

Diante destas considerações, procura-se formular os seguintes objetivos norteadores da pesquisa: resgatar aspectos históricos referentes à participação efetiva dos negros e afros descendentes na formação da Nação brasileira, no passado, presente e futuro, trazendo para a reflexão a hipótese de que as posturas racistas presentes no cotidiano da nossa sociedade são reforçadas pelo desconhecimento das origens históricas, culturais, sociais e religiosas dos negros africanos e do afro descendentes, por grande parte dos profissionais que tratam com a parcela da população nacional que mais sofre este tipo de violência; destacar as possíveis contribuições da literatura para a emancipação humana, em particular do aluno negro; avaliar a presença negra na literatura brasileira enquanto sujeito e objeto;

Estudar autores negros que refletem sobre a sua identidade na literatura brasileira.

Para conseguir esses objetivos, este trabalho divide-se em três capítulos distintos:

No primeiro capítulo, abordamos o tema: A vinda do negro para o Brasil, um resgate histórico. Busca-se refletir sobre sua contribuição para o desenvolvimento da Nação. Tendo como objetivos: analisar, verificar acontecimentos e identificar

consequências nos dias atuais.

No segundo capítulo, discorre-se a respeito da implementação da lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 no currículo escolar, sua repercussão, buscando compreender de que forma a Secretaria de Educação e os professores tem tentado implementar a temática.

No terceiro, faz-se uma reflexão sobre: O historia e literatura afro-brasileira em sala de aula. Propondo situações que leve professor e alunos a entender melhor os mecanismos que levem a situações concretas e intervenção orientada em função da resolução dos problemas efetivamente detectados na coletividade.

Vale destacar ainda, que o principal elemento gerador de dados para a pesquisa são as obras de Piaget que nos possibilita privilegiar aspectos qualitativos e desenvolver um estudo analítico.

Como a educação constitui-se um dos principais mecanismos de transformação na vida de um povo, é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano e de sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos sociais.

# **CAPÍTULO I**

## **A VINDA DO NEGRO PARA O BRASIL: UM RESGATE HISTÓRICO**

A história do negro no nosso país, sempre foi de sofrimento e luta. A situação que os negros encontraram no Brasil foi de repressão, opressão e trabalho escravo, ambiente próprio para desenvolver no povo um sentimento de inferioridade, na cultura, na religião, na vida em geral, daí o porquê de hoje se ver a luta por resgatar os valores do negro, visto que a cultura negra tem muito anos oferecer.

É chegada à hora da humanidade compreender que as diferentes nações, culturas e etnias não são elementos que existem para dividir a raça humana, mas para mostrar que as diferentes nuances formam a unidade na diversidade.

Assim como as diferentes flores de um jardim apresentam particularidades próprias, a variedade traz mais beleza para a unidade dentro do conjunto da humanidade.

Desde o primeiro africano que chegou ao Brasil como escravo até nossos dias, o negro sempre trabalhou, viveu, lutou e se multiplicou, deixando marcas profundas no modo de ser brasileiro. Desde a abolição da escravatura, desenvolveu-se no Brasil e na educação, um processo de desvalorização da contribuição do negro, sob um ponto de vista branco e europeu.

Sabe-se que o Brasil é um país múltiplo. Onde descendentes de europeus, de africanos e de índios convivem, sim, mas mantendo, cada grupo, a sua identidade racial e cultural.

O Brasil é um país onde convivem várias culturas, os africanos deixaram fortes traços de sua identidade na religião, na história, nas tradições, no modo de ver

o mundo e de agir perante ele, nas formas de arte, nas técnicas de trabalho, fabricação e utilização de objetos, no modo de falar, na medicina caseira e em muitos outros aspectos. Esses traços, recriados pelos afro-brasileiros de uma forma inconsciente, são hoje a chave para o reencontro do Brasil consigo mesmo. Porque em termos culturais, pode-se dizer que o Brasil é uma nação predominante negra. Os traços alinhados acima podem provar esta afirmação.

No princípio havia apenas índios, depois vieram os portugueses e a seguir os negros. No final do século XVIII, muitos portugueses eram já mulatos ou mamelucos em resultado de uma intensa mestiçagem com negros e índios. A união de negros entre si com índios e mulatos estavam igualmente muito generalizados.

Depois da independência (1822) os brancos, os índios, os mulatos e os negros libertados passaram a serem todos brasileiros. As cores: morena e negra predominavam. Em meados do Século XIX contavam-se dois milhões de brancos, quase todos muitos morenos, para mais de cinco milhões de negros e mestiços. A imigração europeia até ao final do Império (1889) em nada alterou esta situação.

A partir de finais do século XIX até os anos 30 assistiu-se a uma importante vaga de imigrantes europeus e asiáticos (portugueses, italianos, japoneses, alemães, etc.). Uns misturaram-se, outros não. Cerca de metade regressou, a outra parte ficou. .

Ao estudarmos a história do Brasil, ouvimos dizer “o negro foi escravo” isso implica a compreensão de que todo negro, em todas as épocas, foi escravo. Essa teoria dispensa a sociedade brasileira de explicar o escravismo e a utilização da mão de obra africana nas suas razões profundas, além dos mecanismos inerentes à necessidade de trabalhadores para a colonização do país.

Não se sabe até hoje, a verdadeira história do Brasil, pois não a temos

cristalizado em nossas reflexões, só se conhece aquilo que os livros trazem, mas sem nenhuma prova do que e como realmente se deram os fatos.

A história que se tem é geralmente síntese das justificativas do passado criminoso dos grupos diversos que dominaram esta terra nos últimos 500 anos.

O escravismo implantado no Brasil, a partir da colonização europeia de 1500, trouxe para cá o trabalho-negro e a história do povo brasileiro flui na dinâmica da história do negro no Brasil, onde o escravo é tido apenas como fator de produção.

Um grande estudioso desse assunto chamado Bem Moraes, em sua obra “Racismo e Sociedade”, declara que.

Há uma relação muito próxima entre a escravidão a que foram submetidos os negros e à recusa às pessoas de cor negra... “O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão”! Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo sobre o negro foi forjado. (RUIZ, 1988, p. 100)

O imperialismo mercantilista nasceu associado ao eurocêntrismo, o qual apregoava que os estados mais avançados da civilização foram vividos na Europa, a região do planeta onde nasceu o capitalismo.

É fundamental considerar que preservar o passado é, tanto, selecionar eventos de acordo com as diretrizes encontradas no presente, como, também, uma prática social, que, como qualquer outra, é condicionada pelo processo histórico em que se insere. Assim sendo, como as construções da memória do negro são também constituídas pelo imaginário coletivo, é preciso considerar que as novas construções de identidade que se formam são também influenciadas pela idéia de miscigenação ou mestiçagem, que está na base do imaginário que constitui a nação.

Os negros eram capturados na África pelos portugueses que, não raramente, promoviam ou estimulavam guerras entre as tribos africanas para poderem comprar, dos chefes vencedores, os negros derrotados. Aos poucos, os “sobas”, chefes locais

africanos, passaram a capturar seus conterrâneos e a negociá-los com os traficantes, em troca de fumo, tecidos, cachaça, armas, jóias, vidros, etc.<sup>1</sup>

A chegada dos invasores europeus, principalmente dos portugueses ao território hoje brasileiro, significou o início de um processo extremamente brutal e violento. Cruéis, covardes, traiçoeiros, estupradores e assassinos, deixaram para trás um legado de terror, sem precedentes na história da humanidade.

A história de luta e resistência do povo negro e o legado do imortal Zumbi dos Palmares, não podem jamais ser esquecidos.

#### Segundo TELLES:

Para muitos, entretanto, o fortalecimento de uma identidade negra ou afro-brasileira é resultado de uma política equivocada, que importa o sistema de classificação racial norte-americano, ignorando que a democracia racial e o processo de miscigenação no Brasil não podem ser meramente identificados a falsas ideologias. Estudos mostram que a cultura africana está presente de forma marcante no cotidiano do brasileiro, sendo percebida a participação tanto de brancos quanto de negros em práticas religiosas como umbanda e candomblé. A classificação racial no Brasil, ambígua, fluida, situacional e inconsistente, é relacionada aos índices muito maiores de casamentos inter-raciais e áreas residenciais comuns do que aqueles presentes em países, onde as classificações raciais são rígidas, como Estados Unidos e África do Sul. (2003, p. 103-135).

Toda identidade tem uma história. Até mesmo a identidade de uma pessoa tem tudo a ver com a história dela desde criança; tudo que ela aprendeu dos pais, da escola, da vida. Uma identidade cultural surge na história de comunidades ou povos

No Brasil, a defesa de que a nação se constituiu por meio da democracia racial, apagou diferenças étnicas e culturais importantes. Não só os brasileiros aceitaram um discurso que eliminava identidades anteriores, como muito pouco esforço se fez para modificar este discurso. Por sua vez, a constatação de que as

---

<sup>1</sup>**Fonte:** Brasil Escola ([www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com)) e Base de Dados do Portal Brasil.



desigualdades raciais não estavam sendo resolvidas com os avanços da modernização traz à tona a evidência de que operam no país práticas racistas, em detrimento do discurso de democracia racial.

É de fundamental importância que se conscientize a população e criem leis para que todos sejam respeitados. E que haja eficácia no desenvolvimento do conhecimento das culturas discriminadas e por vezes inferiorizadas.

O Brasil é, um país das diferenças que pode se tornar mais unido ,quando todos descobrirem que o valor da pessoa humana esta, no bem que ele pratica, ou melhor,esta no coração daqueles que amam a vida e amando a vida sabem viver. As diferenças não tornam o homem inferior, nem superior, mas o torna belo, porque a beleza do homem está em sua diferença.

## **CAPÍTULO II**

### **IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03**

Juridicamente, os negros brasileiros foram libertados da escravidão em 1888. Contudo o processo de marginalização do ex-cativo permaneceu estático, em face de diversos motivos de ordem política, social, econômica, cultural e racial.

Mas antes de trabalhar a implementação de leis é preciso ter conhecimento de algumas definições como:

#### **2.1 Racismo**

“Racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos”. (Programa Nacional dos Direitos Humanos, 1998, p. 12)

Pode ser definido também como

A teoria ou idéia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras. (BEATO, 1998, p. 1)

Já o professor José Rufino assim o conceitua:

Racismo é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie, ignorância e interesses combinados como se vê. (SANTOS, 1990, p. 12)

A defesa pela igualdade de direitos entre as raças e a luta pelo reconhecimento pleno da cidadania, é senão um objetivo firme, uma obstinação para efetivamente acabar com as diferenças sociais, ora tão evidenciadas, ora camufladas sob o manto da “igualdade racial e social”.

## 2.2 Preconceito

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos.

Com base em estereótipos, as pessoas julgam as outras.

Quando uma pessoa está tão convencida de que os membros de determinado grupo são todos violentos e atrasados (ou, ao contrário, decentes, brilhantes e criativos), a ponto de não conseguir vê-los como indivíduos, e se nega a tomar conhecimento de evidências que refutam essa sua convicção, então, estamos diante de uma pessoa preconceituosa. (BEATO, 1998. p. 1)

Esses preconceitos, aos poucos, vão se transformando em posições diante da vida.

O peso do preconceito existente na sociedade brasileira fez com que, ao longo do século XX, o termo crioulo passasse a designar uma forma pejorativa de dirigir-se ou fazer referência a uma pessoa negra. Hoje, grupos dos movimentos negros se apropriam dessa arma da discriminação e, com uso da ironia e da atitude de orgulho das origens, reverterem os nomes “crioulo” e “crioula” em benefício próprio. Isso não se dá sem dificuldades, pois o peso da palavra é grande e ainda são recentes as tentativas de alteração, mas elas já se percebem na linguagem da militância e das manifestações culturais. (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2006, p. 23).

Sem aspecto declarado, o racismo privou o direito de muitos exercerem seus direitos mais simples, como os de usar o mesmo elevador que os brancos, ou mesmo comer ou andar nos mesmos ambientes que os patrões.

## 2.3 Discriminação

É o nome que se dá para a conduta que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros. Como o próprio nome diz é uma ação (no sentido de fazer deixar

fazer algo) que resulta em violação dos direitos. (Programa Nacional dos Direitos Humanos, op. cit. p. 15)

### 2.3.1 Discriminação racial

Segundo o conceito estabelecido pelas Nações Unidas (Convenção da ONU/1966, sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial),

significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos ou liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública. (idem, ibidem)

### 2.4 Gênero

As mulheres juntamente com os negros, são as maiores vítimas de preconceito. Muitas das atitudes discriminatórias que acontecem em sala de aula, são dirigidas às alunas, e quando a aluna é negra, torna-se mais grave este preconceito, esta discriminação. Por isso, é interessante ter uma idéia da palavra gênero.

Gênero é um conceito que se refere ao conjunto de atributos negativos ou positivos que se aplicam diferencialmente a homens e mulheres, inclusive desde o momento do nascimento, e determinam as funções, papéis, ocupações e relações que homens e mulheres desempenham na sociedade e entre eles mesmos. Esses papéis e reações não são determinados pela biologia, mas sim, pelo contexto social, cultural e político, religioso e econômico de cada organização humana, e são passados de uma geração a outra. (idem, ibidem, p.12)

Ao nascermos somos machos ou fêmeas, isto é, nascemos com aparelhos biológicos sexuais diferentes.

## 2.5 Estereótipos

Estereótipo é um conceito muito próximo do de preconceito e pode ser definido conforme Lise Dunningan, o “estereótipo é um modelo rígido e anônimo, a partir do qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos.” (idem, *ibidem*, p. 2-3)

O estereótipo é a prática do preconceito e sabe-se que a população afrodescendente tem características culturais muito marcantes, não se deve deixar que estes preconceitos e estereótipos interfiram e possibilitem a privação de toda essa cultura, esses conhecimentos.

Embora, no Brasil, as disputas travadas em nome da preservação da memória ainda não sejam muito comuns, observa-se recentemente uma mudança desta situação, pois diversos grupos sociais começam a se dar conta de que também têm uma história para contar e que esta história, silenciada até então, precisa ser construída por meio de narrativas próprias e transmitida através de práticas e instituições sociais.

Na medida em que participam da construção da nação brasileira, os descendentes de africanos deixam, nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles. Desta forma, investigar as africanidades brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela própria dignidade, bem como pela de todos os descendentes de africanos e, mais ainda, pela dignidade de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os traços culturais e o imaginário dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e situar tais produções na construção da nação brasileira (GONÇALVES E SILVA, 2001).

Apontamos como uma conquista dos movimentos sociais, especificamente, do movimento negro, a promulgação da lei no. 10.639/03, a referida lei altera o parágrafo 4º, art. 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e torna obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio de todo o país.

Tal artigo, após a aprovação da lei no. 10.639, passou a ser acrescido dos seguintes:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O Conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art.79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

A Nova lei que torna compromisso das escolas ensinarem história e cultura afro-brasileira a qual foi uma reivindicação de entidades ligadas à causa negra, vem sendo criticada duramente por especialistas e alguns educadores.

O conteúdo programático a que se refere, incluirá o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro na área social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira serão ministrados no

âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileira. “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’”.

Especialistas protestam contra a lei 10.639, sancionada pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, publicada no "Diário Oficial" de 10 de janeiro, alegando que ela é desnecessária e autoritária.

Desnecessária porque a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), aprovada em 1996, já afirmava que "o ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia".

Desde a fomentação da lei 10.639/03, constatou-se uma intensificação na reivindicação de direitos que se perderam no tempo, bem como de capacitação de profissionais da educação para desfazer os estereótipos, por meio da educação formal, investindo na criação de curso sem caráter de aperfeiçoamento e extensão a fim de viabilizar um ensino crítico.

Em defesa da lei, a conselheira do CNE (Conselho Nacional de Educação) Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, primeira negra a ocupar um cargo no conselho, argumenta que a lei é necessária para melhorar o conhecimento de professores e alunos a respeito da história dos negros no Brasil.

"Essa lei ajuda a tratar os negros positivamente. É comum encontrarmos livros e escolas que abordam a história do negro de forma simplificada ou até ridicularizada", afirma a conselheira em entrevista ao jornal.

Souza (2001, p.54) afirma que

(...) parte dos debates sobre a questão racial, desde o início dos anos 1980, foi materializada nos PCNs – Pluralidade Cultural. Creio ter sido uma tentativa de evidenciar as diferenças culturais e raciais, integrando-as ao currículo e atendendo às reivindicações do movimento negro.

Dentro desse contexto, conhecimento e poder caminham juntos e são instrumentos fundamentais para assegurar a cidadania. A escola representa um espaço privilegiado que propicia condições para que estes elementos se entrelacem de forma harmoniosa. Por esta razão deve ser constantemente revisitada a fim de que se torne cada vez mais democrática na construção do seu currículo, na relação com os alunos e com o mundo que a cerca.

Para cumprir esta importante tarefa, os educadores deverão colocar em prática a concepção de educação proposta por Paulo Freire, autor da obra “Pedagogia do Oprimido”, “Conscientização”, “Educação como Prática de Liberdade” entre outras.

Paulo Freire afirma que a pedagogia do oprimido “tem de ser forjada com ele, e não para ele, enquanto pessoa ou povo, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”. A base desta pedagogia é o diálogo, que é o principal instrumento para a educação como prática de liberdade. O diálogo é essencial para quem exerce o papel de educador-libertador. Diz o educador que o diálogo transforma as relações de poder. O verdadeiro diálogo ocorre quando os agentes em relação se comprometem com o pensamento crítico, que só se concretiza quando á humildade e esperança.

Na prática escolar, o diálogo começa na busca do conteúdo programático, quando o educador está preparando a abordagem dos seus encontros com os alunos. Neste momento, os professores deverão privilegiar temas, que no caso, sejam significativos para a compreensão da História da África e da situação do negro no Brasil, e articulá-los aos pressupostos da “Pedagogia do Oprimido”.

Evidentemente, seu diálogo não poderá concentrar-se apenas na escravidão. Cabe ao professor buscar novos conhecimentos, através dos quais os alunos negros



e não negros possam compreender que os afro-brasileiros possuem uma história cultural milenar que é parte integrante da história da humanidade.

Ao abordar tais assuntos, a equipe pedagógica estará contribuindo para a eliminação de preconceitos e discriminações. Entretanto, faz-se necessário ter cautela para que o debate não venha concorrer para a retificação de valores negativos, como acontece freqüentemente, quando o educador desconhece a eficácia e a crueldade dos fundamentos da dominação.

Dessa forma, as ações afirmativas para a educação são fundamentadas e lhes são atribuídos cunho político e, conseqüente ampliação do repertório necessário para uma abordagem pedagógica consciente por parte dos educadores, gestores e demais membros da comunidade escolar.

### **CAPÍTULO III**

#### **A HISTÓRIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA**

Não é fácil para nenhum educador colocar em prática tantas mudanças acerca do currículo escolar. Neste prisma, torna-se imperativo ao professor adotar uma decisão. Ser apolítico nestas circunstancias implica em pactuar com a injustiça e a desigualdade em sala de aula.

O dia-a-dia de uma escola pode ser o meio de dissipação ou dispersão de atitudes preconceituosas. Não é nada fácil para uma criança negra ver sua identidade se esvair diante das terríveis afirmações que surgem nas aulas de história com relação ao advento de seu povo.

Não bastasse o extremo que é a aniquilação física, os preconceitos continuam a ser cotidianamente reproduzidos, na sociedade, nos meios de comunicação e em instituições como à escola e a própria família.

Deve-se tentar combater todo tipo de discriminação e racismo, presentes na sociedade, e a educação têm um papel central nessa luta, porque a escola aparece como espaço privilegiado para a construção da cidadania e também como espaço difusor dos preconceitos. O conteúdo por ela transmitido recebe, às vezes, grau elevado de credibilidade o que nem sempre corresponde à realidade, que vem a ser um agravante quando se trata de estereótipos e idéias não fundamentadas que de alguma forma prejudicam na formação dos jovens.

A rotina da vida escolar vem sofrendo alterações desde que setores organizados da população negra decidiram influenciar no seu cotidiano e nas suas atribuições.

Ao constatar a existência de valores e práticas discriminatórias na escola, o Movimento Negro e demais interessados na questão racial pressionaram os programas de material escolar, alertaram os professores quanto à discriminação raciais presente nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pelas escolas, nas escolhas dos alunos para participarem das festas e auditórios, na reprodução dos apelidos dirigidos às crianças negras. (GOMES, 1997, p. 21)

Nessa batalha, o defensor da cidadania tem conseguido muitos avanços, como por exemplo, a reformulação de determinados conteúdos dos livros didáticos.

Mas problemas sempre aparecem, um exemplo é o volume I do livro *Brasil: Uma História em Construção*, de José Rivair Macedo e Mariley W. Oliveira, publicado pela Editora do Brasil em 1996 e distribuído gratuitamente pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná para os alunos de 5ª série da rede pública estadual. Nele, pretendendo desmistificar a idéia de que não há racismo no Brasil, os autores, depois de apresentarem seus argumentos e transcreverem letras de músicas antirracistas, põem em evidencia versinhos e provérbios folclóricos para comprovar a existência de preconceito racial na sociedade brasileira. Entretanto, apesar da sua aparente intenção, o resultado tem sido a reprodução pelos alunos brancos, dos ditados racistas citada no livro para fazer chacota contra os colegas negros.<sup>2</sup>

Infelizmente, nos livros didáticos brasileiros, o negro só se fez presente quando o tema em questão se relaciona com a época da escravidão, ou no máximo esses livros trazem uma referência genérica sobre a diáspora negra, citando que os negros brasileiros têm origem “banta” ou “sudanesa”, outros livros de história trazem ilustrações de escravos no Brasil junto com legendas que representam congos, angolas benguelas, muxicongos, moçambiques e outros. Esses nomes, ao invés de

---

<sup>22</sup> Ver **Folha de Londrina** de 11 de setembro de 1997, pág. 3, Discriminação: pai diz que livro incentiva o racismo; e o **Jornal do Povo** de 14 de outubro de 1997, páginas 1 e 3: Promotor manda recolher livro com versos sobre racismo.

etnias, designavam os portos africanos, onde os escravos eram embarcados.

Outro exemplo de discriminação acontece em Maringá, onde a professora Aracy, professora municipal, aposentada, fundadora e presidente do Instituto de Mulheres Negras, denuncia que os negros não estão representados na revista Maringá Ensina, publicada pela Secretaria Municipal de Educação para divulgar os projetos realizados em 2005. Até mesmo no artigo sobre o ensino de história e cultura afro descendente, a página é ilustrada com o desenho de um casal e uma criança negra, vestidos como escravos libertos, de costas e se afastando do leitor. Ela ainda comenta: “Uma situação como esta é prejudicial para a autoestima das crianças. A igualdade racial não está representada na revista. O negro pago imposto participa da cultura, da economia e do desenvolvimento da cidade e do país e também vota”.<sup>3</sup>

Com esse depoimento, é possível entender que a exclusão do negro e da história do continente africano nos manuais didático e dos meios de comunicação decorre da visão eurocêntrica e, de modo especial de uma ideologia dela derivada, que apregoa a inexistência de uma história africana anterior à invasão européia.

Difícilmente os professores apresentaram um livro em que haja personagens negros. Desde então, argumenta a citada professora da sua preocupação com essa não representatividade do negro na literatura. Nas poucas vezes em que era identificado, tinha a imagem sempre estereotipada. O preconceito também estava na matriz de nosso inconsciente, e que precisávamos buscar novas formas para trabalhar isso, desenvolver outros olhares. Não podemos ficar restritos apenas na denúncia de que a imagem do negro é estereotipada, que ainda temos, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Jornal Diário de Maringá, **Entidade quer crianças negras em livro**, 04 de fevereiro de 2006.

a mulher negra personificada na literatura como Tia Anastácia, mas mostrar, também, o quanto, inconscientemente, os professores e os leitores dessas obras, irão acentuar esse preconceito dentro deles.

Segundo MUNANGA (2005, p. 22),

O livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares. Para as crianças empobrecidas, esse livro ainda é, talvez, o único recurso de leitura na sua casa, onde não se compram jornais e revistas.

A representação dos afro-brasileiros e por sua vez a dos africanos, como vínculo de importância, entram na sala de aula através dos livros, vídeos, brinquedos e brincadeiras, sites, revistas, jornais, música, teatro, fotografias, exposições etc., mas é preciso avaliar o material que circula e examinar sua adequação. Todo e qualquer aluno deve se sentir contemplado tanto na sua auto-referência quanto na que forma sobre os demais colegas.

É preciso tomar cuidado com certas brincadeiras como "Escravos de Jó", "Barra manteiga na fuça da nega" ou "Chicotinho Queimado", pois são brincadeiras que preenchem nosso imaginário social. De um lado, renovam os contextos de opressão onde foram construídas. Por outro lado, carregam uma memória afetiva difícil de ser apagada.

Para se trabalhar a História da África em sala de aula, existem alguns textos que podem subsidiar professores nessa execução: dentre eles, Yêda Pessoa de Castro (professora da UFBA) e Mary Garcia Castro, PHD em Sociologia. Os textos abordam temas como a relação entre gênero e raça e fatos históricos, como a Revolta dos Malês e a Revolta dos Búzios. Através destes exemplos, os professores terão subsídios para trabalhar com segurança o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira.

Para trabalhar o dia 20 de novembro: Dia da Consciência Negra, por exemplo, devem-se explicar quem foi Zumbi dos Palmares, o que foram os quilombos e apresentar alguns números do último Censo sobre o índice de alfabetização entre a população negra.

Precisamos acabar também com estereótipos que a mídia insiste em lançar como cenas de "Cidade de Deus", dirigido por Fernando Meirelles, mostra uma perspectiva estereotipada do crime e da população negra. Ao tentar uma abordagem de denúncia social, ele acaba marginalizando ainda mais o negro. O filme mostra que a única opção de ascensão é o êxito individual, como o do protagonista, e isso se reflete na nossa sociedade, em que os afros descendentes se destacam por serem atores, cantores ou jogadores de futebol. Além deste filme, a novela "Da cor do pecado", entretenimento de preferências nacionais, influencia a formação de conceitos e de valores da população brasileira. Pautam os debates sociais e são responsáveis por posições políticas. Por isso, também exercem papel importante na cristalização do racismo. Nelas, os negros sempre têm papéis secundários, a serviço dos brancos. Muitos entendem esta novela como uma conquista nesse sentido. A novela tem uma protagonista negra e obteve grande audiência, atribuída à abordagem da questão racial.

Entretanto, esse pretendo aumento da participação negra nos meios de comunicação também é criticado. A novela é considerada racista e preconceituosa. O próprio nome se refere à mulher negra como amante perturbadora das relações familiares estáveis. Além disso, há uma pequena participação de negros na novela e eles estão "embranquecidos".

A escola já pode se preparar promovendo debates com os professores e alunos sobre todos esses temas, conclamando a comunidade, conversando com os

alunos, trazendo as manifestações de tradição africana que existem no entorno da escola. Pode trazer essa cultura da oralidade, as mães de santo, o barqueiro que conta a história, as pessoas mais velhas da escola, que contam as histórias do bairro.

A leitura da literatura infanto-juvenil pode contribuir com a promoção da igualdade étnico-racial em ambientes educativos. Esta é uma das bandeiras a muito levantadas por ativistas do movimento negro, educadores (as) e pesquisadores (as) envolvidos (as) com o assunto. Atualmente a discussão ganha densidade mediante a aprovação da Lei 10639/2003 e do Parecer CNE/CP 003/2004, documentos que instituem a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos de Educação Básica.

Tomar a promoção da igualdade étnico-racial como política pública, aos poucos ainda tímida e insuficiente, tem tido importantes repercussões pedagógicas e vem influenciando vários segmentos, entre eles o mercado editorial. Nesse contexto social, a produção de literatura infanto-juvenil busca firmar-se com novas posturas e temáticas em relação às questões raciais.

Ao trabalhar a literatura afro-brasileira é necessário que o professor reconheça e denuncie abordagens, textos e imagens que possam de alguma maneira desfavorecer a construção positiva da identidade da população negra e também identificar materiais, livros adequados, fomentando boas práticas de leitura, capazes de questionar e desconstruir mecanismos e práticas racistas e discriminatórias. Trata-se de construir e promover espaços voltados à equidade social e étnico-racial.

Em uma sociedade como a nossa, na qual o acesso à cultura letrada é ao mesmo tempo valorizado e tão restrito à grande parte da população, a disseminação

e o incentivo à leitura e escrita e ao uso da oralidade torna-se fundamental para a busca do exercício da cidadania, considerando-se o direito às diferenças.

Ressalta-se que a leitura deve ser entendida como prática social, ação múltipla realizada com diferentes objetivos, em diversos contextos e por meio de vários recursos que se entrelaçam incessantemente.

Pensar as práticas sociais de leitura como fonte e canal de informação e formação requer considerar a necessidade de articular o uso de diferentes tipos dos textos com temáticas em torno de aspectos comuns à vida dos educandos (as). Além disso, este conhecimento precisa estabelecer relações entre esse aprendizado na sala de aula e o cotidiano, desafiando a pensá-lo como parte do processo educativo que acontece durante toda a vida do leitor.

Leitor é aquele que percebe a leitura, a escrita, a oralidade, a imagem e os gestos para entender o seu tempo, apreendendo, problematizando informações, intenções e propondo atitudes.

Para que o livro seja uma obra de referência, não basta trazer personagens negras e abordagens sobre os preconceitos. É importante levar em consideração o **modo** como são trabalhados o texto e a ilustração.

A literatura afro-brasileira necessita ser lida desvencilhando de olhares etnocêntricos, buscando nos sentidos possíveis da linguagem apresentada no texto, a beleza da oralidade escrita e do fazer lingüístico característico das temáticas e dos escritores de literatura afro-brasileira.

Para construção do acervo que contemple a diversidade étnico-racial, os professores e demais profissionais envolvidos nessa escolha necessitam estar atentos aos materiais: livros que apresentem ilustrações positivas de personagens negras; cujos conteúdos remetam ao universo cultural africano e afro-brasileiro; que



possibilitem aos leitores o acesso a obras onde habitem reis e rainhas negras, deuses africanos, bem como os mitos afro-brasileiros; cujas tessituras realizadas durante a leitura possam construir a elevação do aumento da auto-estima das crianças negras; que representem, sem estereótipos, a população negra brasileira.

Para trabalharmos a literatura afro-brasileira em sala de aula, inicialmente teremos que fazer a apresentação dos conteúdos sobre a história da África, estimulando a pesquisa e relacionando-as com os objetivos da proposta;

Depois faremos um levantamento dos conhecimentos que os alunos têm sobre o assunto, principalmente vocabulário e seus costumes.

Leitura de livros, revistas e jornais relacionados à temática, histórias em que o personagem principal seja o negro;

Exposição de atividades realizadas pelos alunos;

Avaliação contínua utilizando diferentes instrumentos, como desenhos, produção de textos, debates e registros.

Sessões de filmes como: “Kiriku e a Feiticeira”, “Olhos Azuis”, “A Cor Púrpura”, “Adivinhe quem vem para jantar”, “A Encruzilhada”, “A hora do show”, “Amistad”, “A negação do Brasil”, “Meu Mestre Minha Vida”, “Quilombo”, “Sarafina”, “Um grito de Liberdade”, “Vista a minha pele” e outros.

Ao escrever textos, identificar, nos mesmos, palavras ou sílabas que lembrem o vocabulário afro, pois o vocabulário usado no Brasil, conta com a contribuição das culturas bantas, proveniente de vários países como: Angola, Congo, Moçambique, Zimbábue, etc. de língua banta.

Por exemplo, a presença de sílabas iniciais como: Ba, Ca, Cu, Fu, Mi, Mo, Um, Qui, etc. formando as palavras: caçula, candango, cachimbo, curinga, cuca, fubá, fuleiro, fulo, macumba, maxixe, magé, mala, mafuá, quitanda, quizila, quitute,

quilombo, quiabo, banda, samba, mambo, lambada, umbanda e outras que podemos encontrar principalmente no Dicionário Banto do Brasil de Nei Lopes (1996).

Dentro da Literatura oral: “Contos Crioulos da Bahia” de Mestre Didi, das editoras Vozes, 1976; outra obra do Mestre Didi intitulado “A Fuga de Tio Ajayí”, mostra bem a preocupação com a estrutura da personalidade da comunidade negra, neste conto um escravo foge da fazenda com outros escravos para poder fazer suas obrigações religiosas.

Na Literatura infanto-juvenil, obras como: “PAI JOÃO MENINO” de Wilson W. Rodrigues, da Arca Editora, 1949; “O PÁSSARO AZUL”. In: Contos dos Caminhos, Torre Editora; “EM BUSCA DA LIBERDADE” de Sonia Demarquet. Edição Vigília, 1988; “O NEGRINHO GANGA ZUMBA”. Editora do Brasil, 1988; “SILVIA PELICA NA LIBERDADE” de Alfredo Mesquita, da Editora Gaveta; “MARIA E COMPANHIA” de Laís Corrêa de Araújo, Ebal, 1983; “O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO”, de Monteiro Lobato. Desse mesmo autor, temos a obra: “NARIZINHO REBITADO”; “MINOTAURO”, ainda “SILVINO SILVÉRIO” de Rogério Borges, da Coleção Primeiras Histórias, 1990; “CECÉU, O EMBAIXADOR DA ÁFRICA” de Helena Lustescia, Efusão Editora, 1988; “O MACACO E A VELHA” de Ricardo Azevedo, “XIXI NA CAMA” de Drumond Amorim entre outros.

Outra sugestão é mostrar e solicitar aos alunos que indiquem obras de artistas, escritores, poetas, jogadores e pessoas da comunidade negros e negras, como meio de visibilizar o positivo, contrapondo-se ao estereotipo.

Existe ainda a possibilidade de trabalhar a poesia e a música, com composições de Noel Rosa e Martinho da Vila, que retratam toda a alegria e pureza vivida pelo povo negro. Martinho da Vila ao fazer o CD “Você não me pega”, buscou fazer educação para as crianças de todo o país, nas músicas desse CD ele procurou

falar das afirmações todas da cultura brasileira e de seus valores.

Mas é necessário perceber determinadas idéias que as rimas podem passar para a criança negra como a quadrinha popular “boi da cara preta, pega o menino que tem medo de careta”, mas ela foi corrigida assim:

O boi da cara preta tem uma cara bonita, não é uma careta; o boi da cara preta é irmão do boi da cara branca, do boi da cara malhada. O boi da cara preta tem a cor do rosto da mamãe, o rosto que você, criança, se alegra quando olha... (ANDRADE, 1989, p. 8)

Os cabelos crespos das crianças afros descendentes são identificados como cabelo “ruim”. Barbosa desconstrói este estereótipo através da poesia:

Crespo cabelo trançado com a mais bela pura graça (...).  
Apenas poesia e imaginação dos desenhos transbordam  
Criando os mais belos caminhos na carapinha  
Sedutoramente tecida na raça das tranças.

Através das danças podemos mostrar a linguagem do corpo, onde os negros mostravam toda a sua força cósmica. Pode-se realizar shows com o ritmo de samba, com coreografias afros brasileiras, brincadeiras com improvisos de rodas de samba, confecção de instrumentos musicais e de percussão e montagem de banda rítmica. Essa atividade irá aumentar a auto-estima e reconhecimento do samba como instrumento efetivo de luta dos negros para a sua inserção na sociedade.

Outra opção é o teatro, onde se pode expressar os vários costumes e a arte tradicional do povo africano, no qual o ator através das indumentárias e acessórios que irá usar poderá representar seu papel utilizando-se dos elementos artísticos como: música, dança, drama, etc. não com o objetivo artístico, mas sim com o objetivo de resgatar a cultura afro brasileira e levar o aluno a conhecer as concepções estéticas africanas.

Se há muito para caminhar, alguns passos já foram dados nessa direção. A reflexão e as iniciativas das mais diferentes experiências escolares também não são

inéditas nesse debate.

É toda a sociedade brasileira que decide pelo tipo de sociedade: mais democrática, menos discriminatória, mais atenta ao valor da equidade social.

A cultura africana nesta perspectiva do “ser” passa pelo “ter” conhecimento e implica em inconformismo, na permanente disponibilidade de transformação da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência do debate racial na sociedade condiciona uma visão limitada do preconceito e da discriminação racial, impedindo que se construa uma visão crítica sobre o problema.

Este trabalho, não se propõe a acabar com as diferenças raciais, mas sim dar visibilidade, às mesmas. Pois, a presença africana no cotidiano histórico e na cultura brasileira é imensa e nós temos limitações de compreendê-la devido às ausências de História Africana nas escolas, universidades e movimentos políticos. Mas a gravidade é maior, pois compõe parte da estrutura racista assimilada e introjetada pela população negra que ficou com medo da própria imagem.

Observa-se que, sem uma educação democratizada, não existe futuro promissor para a população brasileira. Não existe esperança concreta de mudanças, de respeito como indivíduos e Nação.

A eliminação do racismo e do preconceito na educação são metas importantes para uma educação democrática.

Quanto a Lei 10.639/03, alguns dizem que ela veio realçar o que já era feito nas escolas, que esse tipo de ensino já existia, mas não com força de lei. Outros acham a lei é desnecessária, mas justamente por não compreenderem a importância que essa imposição de introduzir a História da África no currículo escolar tem para aqueles que se acham esquecidos, excluídos pela sociedade.

Daí a importância de se colocar em prática as estratégias de trabalho em sala de aula sugeridas no terceiro capítulo, as quais vão ajudar não somente a combater o racismo, como a desenvolver a prática da leitura através dessa, e elevar a auto-estima daqueles que se sentem à margem da sociedade.

Neste sentido, torna-se fundamental, por parte dos profissionais de educação uma mudança de postura, tanto no trato pedagógico, quanto na dimensão das relações humanas, pois como foi observado no decorrer do trabalho, o afeto, bem como a importância que se dá a uma denúncia de racismo feita por um aluno, pode contribuir para que este transponha as barreiras ideológicas que venham a lhe envolver.

O que foi possível perceber durante todo o trabalho, tanto na parte teórica quanto na prática é que ainda é complexo para muitos educadores mudar ou mesmo questionar sua conduta, no tocante a forma de tratar assuntos relacionados aos negros e afros descendentes em sala de aula.

Diante do exposto, podemos concluir que a ação do educador compromissada em levar a cultura e a história da África e do afro-brasileiro ao cotidiano escolar é fundamental no rompimento de práticas não expressivas, bem como para o avanço qualitativo das relações raciais no âmbito educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Júlio M. 2003. **Lembranças e Esquecimentos: A Construção Social da Memória**. Dissertação de mestrado. UNIRIO.

BEATO, Joaquim. **Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade**. CENACORA, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **A cor da cultura: saberes e fazeres: modo de sentir**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

GUIMARÃES, Antônio S. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1999.

MUNANGA, K. **Negritude – Usos e Sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, R. **Relações raciais: uma experiência de intervenção**. Dissertação (Mestrado em Supervisão e Currículo) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Gênero e Raça – todos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática**. Brasília: MTb-a/Assessoria Internacional, 1998.

RUIZ, M. T. **Racismo algo más que discriminación**. São José. Costa Rica: Colección Análisis, 1988.

SANTOS, Joel R. **A questão do negro na sala de aula**. Coleção na sala de aula, 1990.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO, CEDE, 1995.

SILVA, Petronilha B.G; BARBOSA, Lúcia M. A. (Org.). **Pensamento negro em educação no Brasil**: expressões do movimento negro. São Carlos: EDUFSCar, 1996.

SOUZA, Elizabeth Fernandes de. Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e antiracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 39-64.

**SOUZA**, Andréia L. "O Exercício do Olhar: Etnocentrismo na Literatura Infante-Juvenil". In: SILVEIRA PORTO, Maria do Rosário et al. **Negro, Educação e Multiculturalismo**. São Paulo: Ed. Panorama, 2002.

\_\_\_\_\_. Personagens Negros na Literatura Infantil e Juvenil. In : CAVALLEIRO (org.). **Racismo e Anti-Racismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

\_\_\_\_\_. Negritude, Letramento e Uso Social da Oralidade. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e Antirracismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.



\_\_\_\_\_. **Igualdade nas relações raciais - as leis fora do papel.**

Bolando Aula de História - Apoio para professores do Ensino Fundamental.

Ano 7. N. 47 novembro de 2004. Gruhbas, São Paulo, 2004.

TELLES, Edward. **Racismo à Brasileira:** Uma Nova Perspectiva Sociológica. Rio de Janeiro: Relumedu Mará, 2003.